**Matriz D’eus – Along the process**

**October 20, 2009**

É toda uma colecção de“filmes - na - cabeça” que são transformados em aqui e agora no corpo. É a acção antes da acção, o corpo antes do corpo, antes da decisão traduzida em movimento. E, no entanto, ele acontece.

Foram decididas três situações distintas às quais atribuí nomes diferentes, estando a ordem delas por decidir. Pauta. Não me parece importante para a análise, mas sim para a construção da ponte intérprete/espectador, para o ritmo da pauta.

Defendo eu que a ordem deveria ser o elemento chave improvisado que nos levaria para um outro discurso, o “antes do ritmo no aqui e agora”.

**1) Espelhos**

É um trabalho sobre a imagem de nós, mim’s. Pesquiso a forma como construo vocabulário para o “outro” a partir da imagem que tenho de mim, estando confinada a uma roda de espelhos. Procuro perceber que liberdade de acção tenho de mim em mim antes de agir fora de mim, estando num espaço reduzido mas cheio de mim’s.

**2) Prisão**

Análise sobre a angústia. A prisão de mim em mim e de mim para fora de mim. A rede cheia de possibilidades que me separa do outro. A enorme variedade de formas de decidir. Não interessa como, interessa o antes do como, mas as possibilidades analisam-se. Há uma liberdade maior no sentido do movimento castrado que leva a outra intensidade no infinitesimal.

**3) Caminhada**

Apesar de e de e de e de e de e…, a regra essencial é sempre não desistir. Ainda que a acção demore, fica-se aqui neste limbo da não desistência, da continuidade do processo, até encontrar algo, um novo conjunto de possibilidades, que permitirão mais um processo. E isto, resumo-o numa caminhada. Cheia de falhas, cheia de limitações, mas sempre presente a ideia, não de um continuum, mas de um conjunto denso nesse, cujos elementos são frames, são pequenas fotografias“estendidas ao continuum, ainda que discretas na sua natureza.

**January 24, 2010**

[**Matriz d'eus**](http://www.myspace.com/telmasantos/blog/526996376)

Transformar, reciclar, tornar meu aquilo que foi construído a duas mãos e encaixado depois a quatro mãos. Tranformar o que me transtorna. Reciclar o que me define. Tornar meu aquilo que construí para 2 pessoas. Matriz d'eus é um olhar individual, pessoal sobre as possibilidades que temos quando não nos resta quase nada. Que

liberdade temos quando não temos liberdade quase nenhuma?

Prisão. Castração. Individualidade. Possibilidade. Mobilidade dentro de uma imobilidade quase total.

**February 10, 2010**

[**Matriz D'eus**](http://www.myspace.com/telmasantos/blog/528916773)

Quero que tudo aconteça ali. Porque todos os momentos são importantes; a construção do ambiente e a acção desenrolada esbatem-se num só objecto artístico que questiona a sua própria existência. É que ali apresentam-se pesquisas, possíveis discursos, universos particulares de acção. Mas também se apresenta um indivíduo à procura de uma forma de organizar, encaixar e entender o "entre" , no "dentro" e no "fora".

Tudo é construído em tempo real,, desde o cenário, à musica, aos figurinos. Às pesquisas chamar-lhes-ia consequências em tempo real de um processo longo de procura, construção, desconstrução e afinação. Os "entres" são o que permite efectivamente que as pesquisas aconteçam e portanto serão uma constatação da sua importância enquanto intermediários.

**February 17, 2010**

[**Matriz D'Eus**](http://www.myspace.com/telmasantos/blog/529324167)

Tenho pensado com muita frequência na problemática dos figurinos, da sua importância e simbolismos associados. Cada centímetro de tecido tem a importância do mundo. Porque é uma máscara, implica uma decisão. E decidir como consequência de uma possibilidade mais forte é um modelo ainda em construção, os significados e possibilidades desmultiplicam-se à medida que os trabalhamos e esta convergência até uma possível decisão não acontece de facto. Mas ela existe. A decisão. De colocar umas plumas, porque estou a trabalhar o univeso da relação com a imagem. De colocar um corpete e uma fralda que me transportam para uma mulher castrada e infantilizada, e ao decidir pôr uma meia na cabeça decido não ter esta identidade, a dos meus traços faciais. De me enrolar num fio para poder caminhar estando presente sempre a limitação, até numa posição mais vertical.